

VISÃO PANORÂMICA DA HISTÓRIA DA FILOSOFIA

Preparado pelo Pr. Isaltino Gomes Coelho Filho para o Retiro da Ordem dos Pastores Batistas do Estado de S. Paulo, Sumaré, janeiro de 2004

Muitos torcem o nariz para Filosofia. Alguém a definiu assim: “A Filosofia é uma coisa tal sem a qual estamos tal e qual”. A definição de “filósofo”, em alguns dicionários, mostra desprezo por seu estudante. O *Dicionário Prático da Língua Universal* define filósofo como pessoa “indiferente às coisas do mundo”. O *Caldas Aulete* como quem “vive vida retirada do mundo”. A idéia geral é de um esquisito. No cenário evangélico, que privilegia a atividade sobre o pensar, muitas vezes chamar alguém de filósofo ou de teólogo é dá-lo como alienado, preguiçoso ou homem de gabinete, que não faz nada. Talvez seja por isto que enfrentamos tantas esquisitices doutrinárias. Por faltar pensamento crítico e análise. Por trás das atividades estão os conceitos que as movem e que muitas vezes são usados para manipular os agentes. Em *A Revolução dos Bichos*, de Orwell, há um bicho na fazenda que nunca pensa. É o cavalo. Os porcos mudam as leis, adaptam as doutrinas à sua conveniência, reinterpretem a história, tornam-se cada vez mais humanos, e tudo que o cavalo diz é que vai trabalhar mais. Trabalhou até cair morto, mas sem pensar. Acabou sustentando o domínio dos porcos. Ativismo sem análise é problemático.

Estudar Filosofia num Retiro de Pastores é uma mudança de mentalidade. Isto anima muito. E o assunto é bom, embora com tempo exíguo, mas entendo a limitação: “Visão Panorâmica da História da Filosofia”. É o assunto que me coube. E para ser elaborado com o seguinte objetivo: “*O Professor traçará uma linha cronológica sobre todas as escolas filosóficas ao longo do tempo. Exporá sua linha mestra de raciocínio, seu principal expoente, suas contribuições e dificuldades para a vida secular e para o Cristianismo*”. Foi o que me recomendaram.

A dificuldade foi definir, exatamente, quais as mais importantes escolas filosóficas ao longo do tempo. Há um trabalho excelente do excelente Prof. Sayãoⁱ, mas ele tem outra linha, e usá-lo seria plágio. Vali-me do livro *Introdução ao Pensamento Filosófico*, de vários autores, da Edições Loyolaⁱⁱ. Fixei-me no capítulo “As correntes filosóficas contemporâneas”, do Prof. Carlos Bússola. Precisando definir-me, reconheci as sete correntes que ele apresenta, escolhi quatro, e acrescentei mais uma, a pós-modernidade. O que apresento aqui não é resumo nem resenha de seu capítulo. Aceitei as correntes mais importantes, na ótica dele. Caminhemos por aqui.

1. O HUMANISMO E AS IDÉIAS DA RENASCENÇA

Só entenderemos as correntes filosóficas contemporâneas que geram o comportamento social e político contemporâneo se entendermos o evento que as desencadeou, o Renascimento. As escolas filosóficas contemporâneas são desdobramento do humanismo renascentista. Este foi um fenômeno que abrangeu cerca de 200 anos (1400 a 1590). Foi uma redescoberta dos valores da razão e da sensibilidade humanas. Do ponto de vista da economia política, ensinou que o homem se afirma mediante o trabalho e o ganho material que o tornam livres do poder imperial e papal. A pesquisa, o trabalho e o dinheiro produzem poder.

Enfatizando a pesquisa e o domínio do homem na natureza, anunciou-se uma ciência livre da Igreja e subordinada apenas à verificação. A ciência não poderia se subordinar à especulação filosófica ou teológica. O homem se afirma pela razão, e não pela revelação. Assim sendo, a ciência não pode ser avaliada por padrões metafísicos (inclusive a revelação), e é sempre experimental, empírica, provisória e imediatista. Isto abriu a porta para o *immanentismo*, a idéia de que a causa do universo é intrínseca ao próprio universo, não tendo este sua existência derivada de qualquer poder alheio a ele. Este *immanentismo* trouxe a separação entre a ciência e a teologia. A ciência assumiu foros de verdade, e a teologia e a filosofia assumiram foros de opinião. A verdade não é mais um

conceito filosófico ou religioso, mas é científica. A religião perdeu o domínio do mundo, e o processo de secularização teve início.

2. OS ANTECEDENTES DAS CORRENTES FILOSÓFICAS CONTEMPORÂNEAS

A mentalidade científica é uma atitude que aceita a pesquisa comprovada como autoridade para definir a verdade. As autoridades civil e religiosa não têm peso algum para definir o que seja verdade. Na obra *Educação Para uma Civilização em Mudança*,ⁱⁱⁱ Kilpatrick remonta esta atitude a Galileu Galilei (1564-1642). Subindo ao alto da Torre de Pisa, ele deixou cair duas bolas de ferro, uma de um quilo e outra de meio quilo. Cria-se que a de um quilo cairia duas vezes mais rápido que a de meio quilo. Caíram juntas. Galileu provou que a velocidade dos corpos era causada pela lei da gravidade, e não pelo seu peso. Banal, não é mesmo? Segundo Whitehead, “desde o nascimento de Cristo, jamais tão grande coisa produziu tão pequeno ruído”. É que com isto Galileu estabeleceu uma nova postura: *D’ont tell me* (“Não me fale”), *show me* (“Mostre-me”). Voltando a Kilpatrick analisando a atitude de Galileu, “o pensamento, para ser aceitável, precisa ser *comprovado em suas conseqüências práticas*”. O que tem valor não é a autoridade, mas o que se pode provar. Por isto, Kilpatrick considera Galileu como o pai do pensamento científico e da modernidade. A ciência e o homem moderno querem provas, não palavras. Este comportamento afeta toda a maneira de pensar do homem contemporâneo.

Esta atitude de Galileu teve impacto na Igreja. Por exemplo, o episódio de Josué 10.12-13, em que o Sol parou, não poderia ter acontecido. A Igreja o usava para defender o sistema geocêntrico aristotélico-ptolemaico. Por estar na Bíblia não precisava ser provado nem podia ser contestado. Galileu, com seus instrumentos, provou que Aristóteles estava errado. O Sol não gira ao redor da Terra, mas o contrário. A ciência, agora, contestava a autoridade da Bíblia e da Igreja. A opinião não conta, mas as evidências.

Fiquemos com a filosofia moderna, oriunda do humanismo, que traz em si os antecedentes da filosofia contemporânea. Verifiquemos em que as correntes principais afetam nossa fé. Entramos em desvantagem. As afirmações de fé são opinião, não ciência. Aceitamos pela fé, e não podemos provar o que cremos. A mentalidade do mundo contemporâneo é a de Galileu: *Não me diga, prove-me*. Aceitarei as seguintes correntes como as mais importantes: Idealismo, Materialismo, Positivismo, Neopositivismo, Existencialismo, Fenomenologia, Estruturalismo (segundo Bússola) e Pós-modernismo, que acrescentei como a corrente de pensamento (atitude) mais influente hoje. Infelizmente, por limitação de tempo, tive que omitir o Neopositivismo, a Fenomenologia e o Estruturalismo. Centrei-me no Idealismo, Materialismo, Positivismo (por causa do Brasil), Existencialismo e Pós-modernismo.

3. O IDEALISMO

O *idealismo* originou-se em Pitágoras, foi difundido e empregado por Platão, reforçado por Plotino, e na filosofia moderna teve seus expositores maiores em Berkeley e Hegel. Sua origem está no passado, mas foi reformulado em tempos modernos. *Idealismo*, em Filosofia, não é o estado de espírito da pessoa cheia de ideais. As possibilidades de definição são muito amplas, de modo que ficaremos com a perspectiva metafísica: *é a teoria segundo a qual a realidade pertence à natureza da mente ou da idéia*. Gaarder sintetizou isto: o ponto de vista de que a “existência (é) algo de natureza fundamentalmente anímica ou espiritual”^{iv}. Este ponto de vista é platônico. As entidades reais ou conceituais é que são a realidade. Em outras palavras, a verdade consiste em idéias e pode ser expressa por conceitos. Tudo que existe, existe por causa da sua idéia. Tomemos uma cadeira. É algo real, material, concreto. Mas antes de existir como objeto concreto existiu na mente do carpinteiro. Usou-se o idealismo para argumentar em favor da existência de Deus. Se existe uma idéia, existe seu objeto (não necessariamente “coisa”). Só podemos pensar no que existe. Se temos a

idéia de Deus, existe Deus. Aliás, este era o ponto de vista de Descartes^v. Esta forma de argumentar mostra a relação entre objeto e idéia. A teoria prioriza a idéia como sendo a verdade.

O idealismo colocou o mundo inteligível fora do sujeito que conhece. O fundamento deste mundo inteligível, segundo Platão, não é o mundo físico, o real, e sim um mundo “que está além dos céus”^{vi}. Isto nos trouxe um *dualismo*, produto de valoração: o mundo das idéias é superior ao mundo real, o mundo material. Este é inferior, apenas uma sombra da realidade. O idealismo platônico se vê em Hebreus 3.5: “Eles servem num santuário que é cópia e sombra daquele que está nos céus, já que Moisés foi avisado quando estava para construir o tabernáculo: ‘Tenha o cuidado de fazer tudo segundo o modelo que lhe foi mostrado no monte’”.

A concepção de que este mundo real é ilusório e cópia de um melhor e mais perfeito alimentou a fé de muitos cristãos na perseguição romana. E tem alimentado a fé de todos os cristãos ao longo dos séculos. O idealismo está em nossa teologia. Há um mundo melhor, além deste, físico e sensorial, o mundo ideal. Eu creio firmemente nisto, embora não o pense como similar a este. Do ponto de vista ético, o idealismo nos legou este raciocínio: se o mundo ideal é superior ao mundo material, a alma é superior ao corpo. As paixões devem ser reprimidas para se elevar o espírito. Muito da teologia pietista, que gerou o movimento *revival*, nos Estados Unidos, tem raízes idealistas. E foi o pietismo que trouxe o evangelho ao Brasil. Muitos cânticos nossos, produto do pietismo, se enquadram na categoria do que Mendonça chamou de “protestantismo peregrino”. Nossa pátria não é aqui, este mundo é mau e sem valor, e só a eternidade é que importa. Se de um lado gerou o amor às realidades espirituais e criou o desejo pelo céu, de outro gerou, em alguns, a alienação. Não importa se a pessoa é pobre e injustiçada aqui. No céu ela andarás em ruas de ouro.

Um ponto positivo no idealismo metafísico é a ênfase no céu e nas realidades espirituais. Um ponto negativo e perigoso é olhar para o céu, apenas. Um outro aspecto negativo é identificar a matéria (o mundo real) como má, e esquecer-se que somos matéria. Isto cria a dicotomia espiritual e material em bases irreais. Cantar um corinho é uma atividade espiritual (trata do mundo ideal). Mesmo que o corinho não diga anda. Comer uma pizza com amigos, quando um deles está deprimido, e como resultado deste momento, o deprimido se soerguer, mesmo assim é uma atividade mundana. Passamos a ter dificuldades com o mundo real, concreto e histórico. Precisamos analisar quanto de nossa fé é teologia e quanto é idealismo platônico revestido de outra maneira. A melhor crítica ao excesso do idealismo veio de Gaarder, com *Vita Brevis*,^{vii} uma fantástica crítica ao platonismo exagerado de Agostinho.

O idealismo foi reavivado por Kant (1724-1804). Ele é o pai do idealismo moderno. Seu pensamento foi a reação cristã “a várias correntes filosóficas que acabavam negando a razão humana e subvertendo a religião cristã”^{viii}. Um dos oponentes que Kant quis refutar foi Hume (1711-1776). Empirista extremado, Hume entendia ser impossível justificar racionalmente nossas crenças e valores. São explicáveis psicologicamente, mas não logicamente. Segundo ele, “nossas regras de conduta baseiam-se em nossos sentimentos morais, não em uma ordem moral metafisicamente fundada”^{ix}. São condicionamento social e não produto de uma experiência com um Absoluto. Neste sentido, a religião é mera expressão cultural, seus valores passam a ser relativos a épocas, culturas e locais. Daí, o relativismo, pois os juízos morais não se baseiam na lógica, nem na metafísica, mas nos sentimentos, na opinião. Só a razão é um juiz válido, entendendo-se por razão o que se pode provar (eis Galileu aqui). Kant aceitava algumas premissas dos racionalistas, como o conhecimento vir pelos sentidos, e que nossa razão tem “pressupostos importantes para o modo como percebemos o mundo à nossa volta”^x. Mas ele achava que os racionalistas tinham visão parcial, pois possuímos certas premissas em nossa razão que nos ajudam em nossas experiências. Isto era recuperar o conceito de idéia de Platão. Para Kant há dois elementos que nos ajudam a compreender o mundo, os sentidos e a razão. Por maiores que sejam as atividades dos sentidos, não

haverá conhecimento sem a operação do intelecto. Por mais amplo que seja o mundo exterior, precisamos do mundo interior para conhecer. E a realidade depende da idéia que alguém faz dela. Com isto, Kant lançou as bases do idealismo moderno. Seu pensamento é amplo e complexo, mas uma frase sua, traduzida de várias maneiras, nos ajuda a entender seu pensamento: “*Dois coisas me impressionam sobremaneira: o céu estrelado sobre mim e a lei moral dentro de mim*”. Com isto ele reconhecia o mundo exterior, que acessamos pelos sentidos, e o mundo interior, o das idéias, que está em nós. Protestante, Kant nos legou esta frase: “*A existência da Bíblia é a maior bênção que a humanidade jamais experimentou*”^{xi}. Ele entendia que as verdades espirituais eram a Idéia, e que a experiência podia confirmar a Idéia. Para Kant, “Deus, a liberdade e a imortalidade, longe de serem demonstráveis, de constituírem o objeto de um raciocínio teórico, são postulados, hipóteses exigidas pela razão *prática*, isto é, que dizem respeito à ação moral, à regra *a priori* da moralidade. Aos olhos de Kant, a esperança de outra vida depois da morte e de um Deus justiceiro vincula-se com efeito, a uma exigência prática”^{xii}. Ele não se livrou de uma Idéia necessária, o Absoluto, causa das idéias (parece Aristóteles, mas entendam a argumentação). Muitas vezes me vejo como um neokantiano. A razão tem um grande valor e deve ser a senhora, na Filosofia, mas não podemos dispensar uma Idéia, a Revelação. Na Teologia, a Revelação precisa ser trabalhada pela idéia.

4. O MATERIALISMO

Cito Russ: “teoria segundo a qual a matéria constitui a realidade fundamental e primeira; desta perspectiva, não existem seres imateriais”. Filosoficamente, o primeiro materialista é o grego Demócrito (+- 400 a.C.). Para ele, não havia uma “força” ou “inteligência” que intervissem no mundo. Só existem o vácuo e os átomos (“não divisível”), termo criado por ele. Ele só cria no material. Como tudo era material, não possuímos eternidade. A alma era composta de átomos arredondados e lisos. Quando ela morria, esses átomos se dispersavam por todos os lugares e podiam se ajuntar a outra alma, no momento em que esta é formada. O primeiro materialista era reencarnacionista! Não por crer no além, e sim na possibilidade da matéria existir de outra forma.

No rigor do termo, materialista não seria, necessariamente, ateu. Bem observa Krohling: “A corrente filosófica denominada materialismo defende como prioritário a matéria, o real”^{xiii}. É prioritário, mas não único. Para o idealista, temos um objeto chamado cadeira porque temos a idéia de cadeira. Para o materialista temos a idéia de cadeira porque vimos uma cadeira. Não existe uma cadeira abstrata, mas nossa idéia de cadeira nos vem à mente porque sabemos o que é uma cadeira. O materialismo remonta aos gregos jônicos, principalmente a Escola de Mileto (Tales, Anaximandro e Anaxímenes). Eles buscavam o elemento primordial, material, causa de tudo. A palavra “matéria” nos vem do latim *mater*, “cepa de árvore, mãe, origem”. Para eles, nada pode surgir do nada. Deveria haver uma *mater* originadora. Mas Parmênides achava que tudo que existe sempre existiu. A matéria é eterna. O fato de Demócrito ser reencarnacionista e materialista não é um contra-senso, pois se nada pode vir a existir do nada, nada que existe pode se transformar em nada. Demócrito também não acreditava numa “força” ou “mente” universal. Só existiam os átomos e os vazios. Com isto, na prática, o materialista é um ateu.

Surge Heráclito (+- 500 a.C.), com sua visão dialética da natureza: “Uma pessoa não pode banhar-se duas vezes no mesmo rio” porque tudo está em evolução. Ele difere de Demócrito por crer numa “força” ou “mente” que coordena a matéria. Nada é fixo, tudo está em evolução. Ele é o primeiro representante do pensamento dialético. É o pai da escola mobilista (de movimento). “Tudo flui, nada persiste, nem permanece o mesmo. O ser não é mais que o vir-a-ser”. A realidade dinâmica, o Logos, a Razão, estava em tudo e originava tudo. Para ele, esta realidade, o Logos, era o fogo, com chamas vivas e eternas, governando o constante movimento dos seres (em linguagem de hoje, seria a energia). O fogo olímpico é o símbolo do movimento. “Para ele, a vida era um fluxo constante, impulsionada pela luta de forças contrárias: a ordem e a desordem, o bem e o mal, o belo e feio, etc..”. Para ele, “a guerra é a mãe, a rainha e princípio de todas as coisas” porque pela

luta de opostos o mundo muda e evolui. As forças contrárias acabam se ajustando, fazendo concessões e entrando em um acordo. Isto se chama *dialética*, “a arte de dialogar”. Neste sentido, dialética é a contraposição de uma opinião com a crítica que dela podemos fazer, ou seja, afirmar uma tese, negá-la ou questioná-la para purificá-la dos erros e equívocos, surgindo uma nova idéia. Seguindo Heráclito, tudo flui, nada é a mesma coisa.

Vamos dar um salto. Deixarei Hegel para o tópico sobre Existencialismo. O pensamento de Heráclito será desenvolvido pelos seguidores de Marx, Lênin em particular: “o universo seria uma totalidade material e contraditória, em que interviriam processos dialéticos”. Daqui caminhamos para o materialismo dialético. Vamos tentar entendê-lo. Mas antes registremos o chamado “materialismo clássico”. Este surge com Francis Bacon (1561-1626), que baseia todo conhecimento no método experimental. Ele ensinava que devemos nos libertar dos deuses da Tribo, da Caverna, Mercado e Escola (cultura, idealismo, comércio e condicionamento), pois são pré-conceitos e opiniões não científicas. Devíamos usar a observação e a experimentação. Ou seja, o que tem valor é que pode ser provado. Isto é uma pancada no idealismo, como filosofia, e na religião, particularmente. Só o real, o material, tem valor. Marx vai ignorar religião e a metafísica, inclusive vendo-as como inimigas do homem. O homem, agora, não é apenas o filósofo. É o objeto da Filosofia. É o ente e não mais o Ser que domina a discussão filosófica.

Sendo o homem o objeto da Filosofia, a dialética se aplica à história, que é uma construção humana. A dialética (a arte de discutir, na etimologia grega) marxista vem de Hegel: a tomada dos opostos em sua unidade. É um processo pelo qual o pensamento e o ser se desenvolvem, indo da tese à antítese e daí à síntese, por contradições superadas. São quatro os princípios da dialética: 1º) tudo se relaciona; 2º) tudo se transforma; 3º) há mudanças qualitativas; 4º) a luta dos contrários. A síntese é uma negação da negação. Neste processo, é necessário uma visão de conjunto que nos leva a ver o inter-relacionamento dos fenômenos, deixando a visão fragmentária e desprezando o idealismo. A realidade é mutável, se relaciona em seus vários aspectos, e sofre mudanças qualitativas. Um evento é uma ação, que causa uma reação, e surge uma acomodação. Esta acomodação se torna uma ação, à qual se opõe a reação. Não há uma verdade absoluta e tudo está em mudança, caminhando para um ponto à frente. E na dialética da história não há uma acomodação tranqüila, mas choques.

Esta concepção dialética da história nos leva uma *concepção materialista da história*. Mais que religioso, o homem é um ser social. No pensamento de Marx, o que determina a história (os eventos) são os modos de produção, que incluem as forças produtivas como as relações de produção. Os modos de produção (estrutura ou infra-estrutura) são fortemente influenciados pelas ideologias da vida social (as superestruturas). O modo de produção é como o homem obtém seu meio de vida, seus bens materiais. Para isso há as forças produtivas e as relações de produção. A primeira diz respeito aos tipos de produção e hábitos de trabalho. A segunda, às relações entre as pessoas, no tocante ao trabalho. Estas são mantidas pelas ideologias e pelas superestruturas. O ajuste entre estas duas partes viria pela luta de classes e pelo surgimento de uma sociedade comunista perfeita, onde todos vivessem em comunhão de bens. “De cada um segundo as suas possibilidades, a cada um segundo as suas necessidades” é um axioma marxista. Marx desejava uma sociedade sem classes, sem exploradores e sem explorados. Seria o socialismo ou comunismo, que traria o fim da pré-história da humanidade. A história está em marcha, caminhando para um ponto à frente. Este ponto é o socialismo.

A questão mudou! Falamos de Filosofia ou de Economia? Marx é complexo. Particularmente não conseguia vê-lo como filósofo, mas como um economista que aplicou uma categoria filosófica, a dialética, à Economia. Mas, como bem observa Gaarder “a era dos grandes sistemas filosóficos terminou com Hegel. Depois dele os sistemas especulativos dão lugar às

‘filosofias da existência’ ou ‘filosofias da ação’, como também podemos chamá-las. É a isto que Marx se refere quando diz que até então os filósofos sempre tinham tentado interpretar o mundo, em vez de tentar modificá-lo”^{xiv}. Gaarder mudou meu ponto de vista. Vi Marx como um filósofo. Tentemos conhecer um pouco do seu conceito de trabalho, como razão de ser do homem.

O conceito marxista de trabalho (1) - O surgimento de uma classe dominante tornou o trabalho um instrumento de tortura. Em vez de ser algo que serve ao progresso comum, tornou-se algo que serve para o enriquecimento de alguns e para a opressão das massas. Em vez de algo para a realização, algo para alienação. Tanto que a palavra “trabalho” vem do latim *tripalium*, um instrumento de tortura, de três paus. Diz Cotrim: “...não há exagero em afirmar que, mesmo nos dias de hoje, o trabalho ainda é utilizado como instrumento para torturar e triturar o trabalhador”^{xv}. Será verdade? Há gente que se realiza no trabalho!

O conceito marxista de trabalho (2) - O trabalho passou a ser instrumento de alienação. Na revista ISTOÉ, de 18.9.95, ao falar da nova revista da esquerda brasileira, lançada em Brasília, há um comentário sobre um dos objetivos da publicação: “repensar a esquerda”. Perguntou a revista: “Você conhece alguém da esquerda que não use a palavra *repensar*?”. Da mesma forma, no dogma marxista, *alienação* é uma palavra que não pode ficar de fora. O termo vem do latim *alienare*, “tornar algo alheio a alguém”. Em Direito, o sentido da palavra é “a transferência da propriedade de um bem a outra pessoa”. Em Psicanálise, é “o estado patológico do indivíduo que se tornou alheio a si próprio, sentindo-se como estranho, sem contato consigo próprio”. Na Filosofia, por influência de Marx, veio a significar “o processo pelo qual os atos de uma pessoa são governados por outros, tornando-se uma força estranha posta em posição superior e oposta a quem a produziu”. Neste sentido, o trabalho passou a ser instrumento de alienação porque é elemento de dominação de uma classe, a patronal, sobre a outra, a assalariada.

O conceito marxista de trabalho (3) - Na sociedade capitalista moderna, a produção econômica transformou-se no objetivo do homem, em vez de o homem ser o objetivo da produção. Desde o século XIX a sociedade ocidental passou pelo *taylorismo*. O nome deriva do engenheiro e economista americano, Frederick Taylor, com sua teoria da *organização científica do trabalho*. Foi o processo de automatização e especialização da indústria, dividindo o trabalho industrial em múltiplas operações. Com isso se alcançou a economia de tempo e se aumentou a produtividade. A principal consequência do trabalho, na visão marxista, é que sua fragmentação conduz a uma fragmentação do saber. Ele deixa de ser obra de um conjunto e passa a ser de partes. Há uma situação de rotina, desgastante. Segundo Cotrim, “ao executar a rotina do trabalho alienado, o homem vai se transformando em escravo daquilo que cria por uma razão básica: ele não desfruta dos benefícios que resultaram de sua atividade profissional. O trabalho alienado produz para satisfazer as necessidades do mercado”^{xvi}. Mas esta visão é ideologizada, passional, sem compreensão do real. Realmente esta atitude *taylorista* no trabalho infelicitou os trabalhadores? A confecção de um tecido, na Idade Média, em sistema manual, levava até um mês e por isso as roupas eram caríssimas. Hoje, com a industrialização, há uma maior produção de bens que barateou o preço do tecido. É lógico perguntar: esta visão é correta? Marx viveu numa sociedade pré-industrial, em vias de industrialização. Vivemos numa sociedade pós-industrial. As teses de Marx não se comprovaram, embora ainda não possam ser ignoradas.

Esta foi uma visão genérica e ampla do materialismo. A questão é, em que nos afeta? Na negação do espírito e da existência de algo fora da matéria, na apologia da guerra. É de Marx a frase “a violência é a parteira da história”. A crítica de Marx à religião é violenta. Ela é fator de alienação, componente das superestruturas que oprimem o homem e que devem ser combatidas. Ele achava que as condições materiais de vida determinam nosso pensamento e nossa consciência. Marx estava enganado em vários de seus pontos de vista na análise do capitalismo, mas a maneira

de muita gente ler a história, por causa da incrustação marxista nas universidades, é por sua ótica. Mas a negação das realidades espirituais e a tentativa de construir um paraíso na terra lembra a construção da Torre de Babel. O homem organizado, confederado, direcionado contra Deus e em busca de seus próprios valores. O resultado é confusão. Com a interpretação dialética, tudo é relativo, não há valores absolutos, pois tudo se modifica. Se a história é escrita e feita pelos homens, e não há nada lá fora (como Francis Schaffer gostava de dizer), qual é a verdade? Se não há um Logos, uma Razão, um Deus, um Absoluto, qual é a fonte de valores? Aliás, este é o grande problema do materialista, onde encontrar os valores, como formá-los. A intoxicação materialista da sociedade contemporânea cria o relativismo moral. O que é certo para um não é certo para o outro. Se não há Absoluto nem Idéia, se não há nada lá fora, tudo é lícito. Este é o problema das filosofias de existência ou de ação, como o marxismo, ampliação do materialismo. Numa frase de Dostoiévski: “Se Deus não existe, tudo é permitido”. Mas isto já pertence ao existencialismo, do qual falaremos à frente. Aclaremos a questão das filosofias de ação e existência, e entenderemos mais o materialismo e, por via de consequência, o marxismo.

Outra influência do marxismo se deu na geração da teologia da libertação. Segundo Mondin (1979), há dois princípios na formação de uma corrente teológica, o arquitetônico e o hermenêutico. O arquitetônico é o conteúdo da revelação. A teologia deriva da revelação bíblica. Se não fosse assim, não teríamos uma corrente teológica, mas filosófica. Mondin cita o sistema de pensamento de Hegel. Os mistérios do cristianismo estão presentes nele, mas como foram dessacralizados, despidos de seu conteúdo sobrenatural, é um sistema filosófico e não teológico. O princípio hermenêutico é o instrumento pelo qual se interpreta a revelação. Geralmente é de conteúdo filosófico. É que a teologia é a interpretação da revelação pela razão. Os dois princípios são necessários e se entendem bem à luz da palavra de Bruner, segundo a qual, para se entender a Palavra de Deus é necessário um ponto de encontro entre ela e a mente humana. A Palavra é o princípio arquitetônico. A mente humana é o princípio hermenêutico. A teologia da libertação usou categorias marxistas para fazer teologia. Mas em vez de usar a revelação, no princípio arquitetônico, usou a situação das pessoas, o homem real e concreto. E como princípio hermenêutico usou o marxismo. Por isto que muitos até mesmo preferiram vê-la como uma sociologia cristã que como uma teologia. Boff (1985), inclusive, disse que ela deslocou “o lugar privilegiado que até há pouco gozava a filosofia, como mediação cultural para a teologia, em proveito das ciências sociais”^{xvii}. Mas foi o encontro do marxismo com a teologia. No entanto, como os quinze minutos de fama da teologia da libertação se esgotaram, deixemo-la de lado.

5. O POSITIVISMO - Como filosofia, o positivismo foi fraco, tanto que Gaarder, em *O Mundo de Sofia*, onde romanceia a história da filosofia, não o menciona. Mas marcou muito a intelectualidade brasileira. Moldou o pensamento da elite brasileira. Aliás, não se entenderá o Brasil se não se analisar sua herança positivista. “Ordem e Progresso”, lema de nossa bandeira, é um mote positivista. Bem esclarecedor, aliás. A idéia é de disciplina e avanço (realidades que não parecem muito consistentes em nossa cultura). Um pouco de história nos ajudará a compreender seu lugar entre nós. Quem deseja mais profundidade, leia *Os Socialismos Utópicos*^{xviii}, de Petitfils (Zahar Editora), no capítulo II, sobre Saint-Simon.

Augusto Comte foi o fundador. Em linhas gerais, seu ensino é este: o homem, em sua caminhada, passara por dois estágios e agora se encontrava no terceiro. O primeiro foi o estágio teológico ou mitológico, em que as explicações eram religiosas. A chuva, a seca e outros fenômenos eram manifestações da vontade dos deuses. O segundo foi a fase metafísica, da Idade Média, em que a filosofia explicava tudo racionalmente. O terceiro é a fase positiva, tempos modernos, em que tudo é explicado pela pesquisa científica. Positivo é o que é real, que pode ser visto pelo microscópio ou telescópio, explicado cientificamente. Embora tenha sido suporte para a democracia moderna, o positivismo deu uma guinada. Segundo Bússola: “Comte apercebeu-se de ter colocado

bases erradas, pois o homem ainda não estava amadurecido para fazer uso de sua liberdade sem nenhuma orientação filosófica. Com efeito, Comte entendeu que o homem precisa de alguma autoridade que o guie e norteie”^{xix}. O conceito de ordem acabou prevalecendo sobre o de progresso, pois se para se ter este se precisa daquela.

Comte foi discípulo de Claude Henry de Rouvroy, Conde de Saint-Simon, um socialista utópico. Este cria que o sentido da história estava na industrialização, através da luta de classes. O homem de valor é o industrial (todo aquele que trabalha para o enriquecimento da nação, produzindo bens). Neste sentido, as classes política e religiosa não são muito valiosas, porque não produzem bens materiais. E apenas desfrutam do que outros produzem. A estrutura econômica é muito mais importante que a política. Para Comte, só o sistema industrial poderia trazer o radiante futuro esperado por todos. Saint-Simon influenciou muito a Marx e a Comte (lembre-se do regime militar de 64; lembre-se também do comunismo; curiosamente, a ideologia militar brasileira e o comunismo originaram-se na mesma fonte - marxismo e comtismo são irmãos). Por isso, se analisarmos bem, veremos semelhanças entre um sistema comunista e o de 64: regimes que não viam os discordantes com bons olhos, pouca preocupação com o social, mas sim com a estrutura (o Estado, no caso político), ênfase no progresso sem uma correspondente ênfase no social (este viria automaticamente, com o progresso), visão de educação como se fosse doutrinação (sobre educação e doutrinação como antônimos, veja *Doutrinação e Educação*^{xx}, de Snooker, pela Zahar), etc. Comte e Marx tinham algo comum: a ciência humana aboliria a religião e a metafísica. O grande inimigo da humanidade era a idéia de Deus, nociva à industrialização. Comte era matemático e aplicou o critério das ciências exatas à História, tentando estabelecer esquemas previsíveis para esta, até mesmo para controlá-la. Como Marx, ele professava uma fé cega na luta de classes como sendo a espinha dorsal do seu sistema. Mas no comunismo, nunca houve ditadura do proletariado, e sim de uma elite que encarnava um sistema que se julgava predestinado a fazer um paraíso na terra.

A influência do positivismo pode ser vista em nossa cultura: o povo não conta, a não ser para pedir-lhe voto. A elite sabe e o povo, não. A elite faz o que julga que deve. Põe-se acima das leis. A ponto de se dizer que lei, aqui, é para os três “P”: preto, pobre e prostituta. Aliás, o perfil do preso brasileiro é este: preto, pobre, semi-analfabeto, com menos de 25 anos de idade. É que a elite, branca e rica, não vai para a cadeia. Se tiver curso superior, então, tem direito a prisão especial.

Uma consequência disto em nossa cultura é a dicotomia: o religioso é indigente mental. O agnóstico ou ateu é erudito. Criou-se um falso axioma: religião e erudição são opostos. A elite pensante brasileira é agnóstica e religião é vista mais como evento cultural que como evento metafísico. Mas o aspecto mais interessante no comtismo é o conceito de progresso sem visão social. A sociedade é um fim e o povo, o meio para promovê-la. As pessoas se subordinam às estruturas. Voltamos a um ponto anterior: não temos uma tradição de preocupação social. Muitos ainda se lembram de Delfim Netto de que “é necessário fazer o bolo crescer primeiro, para depois dividi-lo”. Ou seja, primeiro o Estado. Depois, o povo. Esta postura também foi a responsável pela eliminação dos cursos de Filosofia no Brasil e da instalação dos profissionalizantes: não se precisava de pensadores e sim de técnicos. É que se pensou que o país crescería muito e que haveria necessidade de uma elite técnica. Esta visão subordina o indivíduo à estrutura e dá a esta a capacidade de decidir pelo indivíduo. O bem estar coletivo se sobrepõe ao individual. Pensar, não; ajustar-se à máquina, sim. Indivíduo não; Estado, sim.

É possível verificar que muito de nossa visão denominacional e eclesial é influenciada por este modo de pensar. As pessoas precisam de uma estrutura para tomar conta delas. Como alguns que pensam que as igrejas locais precisam de uma estrutura para tomar conta delas.

6. EXISTENCIALISMO - O pensamento ocidental tem duas grandes transições. *A primeira* é do cosmo para Deus (da filosofia natural para a moral). A preocupação era com os elementos básicos do universo: de que as coisas visíveis são feitas? Como o mundo veio a existir? *A segunda* é a transição no objeto da filosofia: de Deus para o homem (do teocêntrico para o antropocêntrico). Aqui surge o existencialismo, reação ao racionalismo e ao empirismo que supunham que o universo tem ordem e que o homem pode descobri-la pela observação e experiência. O existencialismo rejeitou a razão como guia para a conduta humana e afirmou a existência como norma.

A Filosofia focava a essência. O existencialismo, a existência. *Essência* é o latim *essentia*, do verbo *esse*, ser. A filosofia essencialista pensa na essência das coisas. *Existência* vem do latim *existere*, “sair de casa, do esconderijo”. Significa mostrar-se, exhibir-se. Existir é mostrar-se. O existencialismo reflete sobre a existência humana no seu aspecto particular, individual e concreto. Não o universal e o abstrato, mas o particular e concreto. Deixa-se a idéia e se pensa no homem. O existencialismo é a expressão de uma situação singular, individual, um pensamento produzido em uma situação particular. Mas que é existir? É ter consciência de escolha. Disse Heidegger: “só existe autenticamente aquele que se escolhe”. Ou seja, só existe aquele que se faz, que se afirma. O existencialismo marcou profundamente a arte e a cultura porque foi abraçado por artistas e intelectuais. Expressa-se muito por filmes, novelas e romances. Eis uma frase do apresentador do extinto programa *Você Decide*: “O certo e o errado não importa. O que importa é o que você assume”. O que vale é o que a pessoa assume. O subjetivo é o válido. O objetivo não tem valor.

Sören Kierkegaard (1813-1855) é o pai do existencialismo. Dinamarquês, teve uma criação severa, e um pai repressivo. Adolescente desorientado, seu início de mocidade foi um pouco devasso. Estudou Teologia. Mas desavenças com o luteranismo o impediram da ordenação. Rompeu o noivado com Regina Olsen, a quem amava, por achar que seria sempre atormentado pela angústia. Não quis arrastá-la para este tipo de vida. Não se julgava pessoa para uma vida repartida. Acusava a Igreja Luterana de burocratizada, sem religiosidade interior, mais preocupada com a estrutura que com a verdade. Mas a marca maior foi o desacordo com Hegel (1770-1831).

O período era de contradições. Havia euforia com o progresso, as possibilidades da razão, e uma crença na liberdade e capacidade do homem. Havia também a violência das guerras e a tirania de governos. Hegel tentou conciliar a euforia com a depressão e sintetizar todo o pensamento humano. Tentou conciliar a história e a filosofia. Para Hegel, cada pessoa é produto do seu tempo e até a Filosofia resume o seu próprio tempo. Ela não se separa do seu contexto histórico. Para conciliar as contradições que via, deu nova forma ao método dialético, com os conceitos de tese-antítese-síntese. Usava muito a expressão “espírito do mundo”, mas num sentido diferente do que fora dado pelos românticos. “Espírito do mundo” ou “razão do mundo” era a soma de todas as manifestações humanas ao longo da história. O homem estava somando conhecimentos ao longo da história e caminhava para a maturidade. A história do homem é uma marcha para a frente. Mas ao dizer que o homem é produto do seu tempo, Hegel afirmou-o como restrito. Ele nasce num meio histórico, que o condiciona. Ninguém pode desligar-se da sociedade e viver sem meio histórico. O homem é relativo. Não se faz nem se afirma. É feito e afirmado. Hegel quis, na defesa do conceito de espírito do mundo, condensar toda a realidade num sistema. Quis explicar tudo, criando uma visão total da realidade em todos os seus aspectos. Chamou-a de *Idéia Absoluta*. Por isso, seu sistema é chamado de *idealismo*, pois põe a *idéia absoluta* ou *geral* como ponto central de seu pensamento. O indivíduo se dilui no sistema. É condicionado, relativo e subordinado à sociedade e seu tempo. A idéia está acima da existência. Esta síntese de Hegel permite entender a reação de Kierkegaard. Para ele, Hegel ignorou a existência concreta do indivíduo. Há uma história, uma evolução do pensamento, a humanidade caminha como um todo para a frente, mas e o individual? Como existir se tudo é pacote para envergar?

A crítica de Kierkegaard a Hegel foi dura: “Enquanto Hegel mora no palácio da Idéia, eu moro na choupana da Existência”. Sobre Descartes, pai do racionalismo e da objetividade, com sua frase “penso, logo existo”, disse: “Isso é tolice. Não é *penso, logo existo*, mas *porque existo, penso*”. Para Descartes, o pensamento (a razão) precedia a existência. A essência vinha antes da existência. Para Kierkegaard, a existência é que faz a razão, pois precede-a. A existência precede a essência. Criticando Hegel, disse que somos mais que filhos de nosso tempo. Cada um de nós é um indivíduo único, que só vive esta única vez. O indivíduo tem, primeiro e acima de tudo, noção de sua própria realidade. Entendemos o mundo a partir de nós. Só a realidade singular e concreta interessa, porque é só isso que o indivíduo pode conhecer. Para ele, a verdade era subjetiva. Não no sentido de que há tantas verdades quantas sejam as pessoas, mas que uma coisa só é verdade se é verdade para mim. A verdade não pode ser teórica ou acadêmica, mas pessoal. Por exemplo: Deus existe ou não? Caso se pudesse provar, cientificamente, a existência de Deus, se isso não afetasse minha vida, seria uma verdade irrelevante. Mas se me afetasse, então seria verdade porque seria verdade para mim. O fundamental não é a verdade em si, abstrata, mas a relação da pessoa com a verdade. O valor da verdade está em ser verdade para o indivíduo. Ele põe a ênfase no indivíduo, na pessoa, na existência. Todo conhecimento tem que se ligar à existência, à subjetividade. “A subjetividade é a verdade, a subjetividade é a realidade”. O universal é mera abstração do singular. Por isso, não ao abstrato e ao racional. E sim ao concreto, ao existencial. Ele afirma o homem, o indivíduo como ser pensante, que decide, que faz. Para Hegel, o homem é filho do seu tempo. Para Kierkegaard, somos mais que filhos do nosso tempo. Cada um de nós é um indivíduo único, irrepetível, singular e que só vive uma vez. Kierkegaard punha ênfase na pessoa. “O paradoxo da fé está, pois, em que o Indivíduo está acima do geral...”^{xxi}

Uma síntese de Kierkegaard: o homem é espírito, e nele se encontra a síntese de finito e infinito, de temporal e eterno, de liberdade e necessidade. O espírito é o *eu*, o concreto. O homem é a categoria central da existência. Esta se divide em três estágios: estético, ético e religioso. No estágio *estético*, o homem busca uma razão para sua existência. Precisa fazer escolha (no singular). Mas não há base lógica para isso. Não há critérios objetivos que justifiquem opções. Descobrir isso traz frustração. Se não há base objetiva, o homem cai no domínio dos sentidos. Entra numa existência vazia. O *ético* surge como estágio seguinte: ele descobre que não pode viver pelos sentidos e aceita as exigências do mundo exterior. É livre, mas dentro de limites impostos pela sociedade. Na estética, tudo é belo. Na ética, tudo é rigoroso. O estágio *religioso* é a alternativa à crise entre o ético e o estético. É a saída.

Um bom livro de Kierkegaard é *Temor e Tremor*, sobre a crise de Abraão indo oferecer Isaque em sacrifício. Para os homens, era assassinato. Para Deus, era fé. Abraão teve que escolher. Esta escolha definiria seu estado: assassino ou homem de fé? Isto dependeria do seu ponto de vista. A angústia do patriarca hebreu era sua, totalmente sua. Ninguém podia decidir por ele. Sara não podia. Só ele. Assim é o homem. Ele tem que decidir. É ele quem faz a verdade, se ela é válida ou não para ele, se será digna ou não para ele. O homem é um ente que toma decisões. Esta angústia vivida por Abraão, enquanto caminhava os três dias até o Moriá, era dele e de mais ninguém. A frase mais comum nos primeiros capítulos é “mas, quem poderia entender Abraão?” ou “mas ninguém podia entender Abraão”. Ele era um homem único, singular, como, na realidade, todos nós o somos. É o homem que se assume, que assume uma escolha, que não tem que como explicar, pois é pessoal, existencial, mas que tem sentido para ele. Abraão estava no estágio *ético* e deu um salto, para o *religioso*. É o salto da fé. A razão é impotente para guiar nossas ações. Há uma escolha a ser feita, que valida a nossa existência. Por quê? Porque o que somos como existência é que valida a nossa essência. Mas nós escolhemos nossa essência. Nós a fazemos. Então, existimos para ser. Logo, a essência não precede a existência. Para o homem ser homem, a existência precede a essência. Na realidade, ele faz a essência. O homem se faz no mundo.

Pulo para Nietzsche, “profeta de uma religião não-religiosa e filósofo de uma filosofia não-filosófica”. Rebelou-se contra a pretensão da Filosofia e da Teologia de encontrarem a verdade. Contraditório, polêmico e violento, mais contestou que afirmou. Morreu louco, após onze anos de enfermidade. Odiava o cristianismo, chamando-o de “filosofia de escravo”. Em *Além do Bem e do Mal* criou os conceitos de Apolo (deus da virtude) e Dioniso (deus do vinho). O homem, pela sociedade e pelo cristianismo, cultua Apolo, a virtude, o bem, a retidão. É necessário derrubá-lo e entronizar Dioniso. Isso significa acabar com a religião e estabelecer o homem, a força. O homem inventou Deus para punir sua natureza má, seu Dioniso. Mas Deus não existe e precisamos nos livrar dele para afirmar o homem. Ou Deus ou o homem. Na parábola de *A Gaia Ciência*, há o ancião que diz que Deus morreu e os sinos anunciam sua morte. Nietzsche é duro: “Eu vos conclamo, irmãos, permaneço fiéis à terra e não acrediteis nos que vos falam de esperanças ultraterrenas! Não passam de envenenadores, conscientes ou não”^{xxii}. Profetizou o ateísmo, nas palavras do velho da história citada: “Eu cheguei cedo, mas vocês verão que eu disse a verdade”. Propunha a superação do transcendente, a eliminação do sobrenatural na vida e o advento de um novo homem, que seria o super-homem: “Eu vos proponho o super-homem. O homem é algo que deve ser superado”^{xxiii}.

Nietzsche se tornou, mesmo com seus admiradores negando, o profeta do nazismo com seu super-homem. Como o homem é movido pelo poder da vontade, é necessário um super-homem, o único homem autêntico (contra o “meigo Nazareno”). O super-homem de Nietzsche reconheceria sua situação humana, criaria seus próprios valores e moldaria sua vida à altura destes valores. Sendo a humanidade uma massa de cordeiros, ele deveria impor-se aos demais, para levá-los ao seu destino de realização. Muitos vêem em Hitler o super-homem de Nietzsche. Mesmo que Nietzsche não quisesse (chamá-lo de nazista é desonestidade intelectual), o fato é que as idéias, após expostas, não são mais de quem as emitiu e se desdobram além do pretendido.

Ele foi o pai da teologia da morte de Deus (de Altizer, Hamilton, Vahanian e Adolphs) que floresceu nos anos sessentas. A teologia da morte de Deus foi a cristianização de Nietzsche: a recusa a uma religião transcendente e metafísica.

Chegamos a Jean Paul Sartre, francês, popularizador do existencialismo. Este não é fácil de ser exposto em conceitos. Expõe-se melhor em novelas e romances. Suas obras como *O Existencialismo é um Humanismo* e *O Ser e o Nada*, que Foulquié diz que nem dez pessoas leram por inteiro^{xxiv}, são herméticas. Romances como *O Muro*, *A Idade da Razão* e *A Náusea* e peças como *Entre Quatro Paredes* e *As Mãos Sujas* tiveram grande aceitação popular. Sartre afirmava: ou o homem ou Deus. Um dos dois tinha que morrer para o outro se afirmar. A essência (Deus) não precede a existência (o homem) e até a atrapalha. Declarou ele: “numa palavra nego que a essência preceda a existência”. Para existir, o homem precisa afirmar sua liberdade radical. Distanciou-se de Kierkegaard: o ético não era relevante. Em *Entre Quatro Paredes* encontra-se a famosa frase: “o inferno são os outros”. Os valores não podem ser socializados, mas individualizados. Cada pessoa precisa afirmar sua existência através de um ato, enredo bem mostrado em *A Idade da Razão*. A angústia e o nada são parte das categorias fundamentais do seu pensamento: “o homem é uma bolha vazia no mar do nada”. O ético de Kierkegaard foi rejeitado, e o sentido da vida humana negado. O existencialismo sartriano é coerente: sem o Ser, só há o nada.

Vejamos agora algumas marcas do existencialismo em nossa sociedade.

(1) - A negação de valores objetivos. A essência, a idéia, não tem primazia e deve ser combatida. Até no relacionamento pessoal. O inferno são os outros. Há uma grande preocupação do homem consigo mesmo, apenas. O individualismo é sua marca registrada. A contestação dos

valores foi inevitável, pois o existencialismo era uma maneira nova de ver o mundo. A revolução estudantil de 1968, na França, e os *beatniks* e *hippies* foram de inspiração existencialista.

(2) A afirmação da subjetividade. Há tantas verdades quantas sejam as pessoas. O absoluto cede ao relativo. Tudo pode ser justificado. Chico Buarque se opôs com veemência ao regime militar no Brasil, e às torturas nele havidas, aplaude Fidel e justifica o *paredón* cubano. E mostrou indignação quando questionado por sua incoerência. Não há lógica. É uma questão de opção. Não é mais o salto da fé de Kierkegaard. É o salto da escolha. O certo é o que eu quero que seja certo. Vemos isso em algumas declarações de fé: "eu sinto em meu coração". O que a pessoa sente é verdade, mesmo que seja contra a Bíblia.

(3) A rejeição de Deus. A existência só se afirma sem a essência. A negação de Deus e a antropolatria são marcas existencialistas em nossa cultura. Religiões metafísicas são repudiadas, mas as humanistas e assistencialistas, como LBV, têm aceitação da mídia. Na mente de muitos, religião é fazer o bem e viver sua vida. A preocupação metafísica parece sem sentido para muitos. Mas aconteceu uma reação: o ocultismo ressurgiu, pela necessidade do homem crer em algo. Na falta do sensato, crê-se no absurdo: pirâmides, cores, aromas, fadas, duendes, constelações (que são ilusão de ótica), etc..

(4) A negação de uma moral objetiva. Se cada pessoa é a verdade, cada pessoa é a moral. Voltemos a Dostoiévski: "Se Deus não existe tudo é permitido". Mas é pior: a imoralidade não é tão perniciosa quanto a amoralidade. Esta é pior. Já se faz apologia da bissexualidade e da pansexualidade, não mais da homossexualidade. Na amoralidade, tudo que se faça está correto. A imoralidade nega uma conduta específica, tida como norma. A amoralidade ignora qualquer norma. É o desdobramento da intimização da verdade.

(5) A falta de um sentido para a vida. Buscar o sentido da vida dentro de si é como tentar se levantar puxando os cordões do sapato. A frustração, a busca de drogas, do exótico e do ocultismo e a devassidão são marcas de nossa cultura existencialista. Sem essência, o homem busca o sentido da vida na existência e não a encontra. Se a existência é tudo, a vida é um absurdo. O existencialismo é coerente: a vida é um absurdo e, como diz Sartre, nada mais resta ao homem a não ser o desespero. Não há sentido na vida. Bem disse Hemingway em *Morte na Tarde*: "Não há remédio para coisa alguma na vida... a morte é o remédio soberano para todos os infortúnios". Sartre tinha razão: "não há saída para o dilema humano". Se, para Nietzsche, Deus morrera no século XIX, vemos sua ressurreição no final do século XX. Mas, filosoficamente falando, o homem morreu no século XX, como disse Carl Henry. Talvez o que melhor ilustre isso sejam duas pichações nas paredes de uma igreja: "Deus morreu. Assinado: Nietzsche". Embaixo alguém pichou: "Continuo vivo. Nietzsche morreu. Assinado: Deus". A essência continua. Mas a existência está em crise. A proposta cristã é os dois viverem em harmonia. A encarnação de Deus em Jesus prova que a coexistência é viável. O existencialismo gerou o pós-modernismo, que pode ser definido, também por pichações. Um existencialista picharia: "Deus morreu". Um cristão responderia: "Marx morreu". O pós-modernista picharia: "E eu estou gravemente enfermo". Uma sociedade sem valores está a morrer.

(6) Um valor positivo no existencialismo: o valor do homem. Até nas estruturas religiosas o homem é inferiorizado. Jesus combateu isso, na polêmica com os fariseus, ao dizer que o sábado foi feito por causa do homem e não o homem por causa do sábado. Os fariseus estavam num tipo de essencialismo: a idéia, o conceito sobre o homem. *Mutatis mutandis*, Jesus faz o papel de um existencialista: o homem acima da idéia. É muito bonita a sua palavra ao homem da mão mirrada na sinagoga: "Vem para o meio". Jesus põe o homem no meio. O homem tem um valor e uma dignidade intrínsecos, que muitas vezes as estruturas religiosas depreciavam. Talvez devêssemos aprender algo dos existencialistas. Muitas regrinhas igrejeiras são preceitos humanos que aprisionam o homem, em vez de levá-lo a se afirmar e a se realizar. Há muita ortodoxia humana, mas "tendes omitido o que há de mais importante na lei, a saber: a justiça, a misericórdia e a fé..." (Mt 23.23). Às vezes há além demais e aqui em escassez em nossos conceitos. Muita eternidade e pouca vida aqui. É um caso para se pensar. Não é um ou outro. É um e outro. Evidentemente que isso demanda boa dose de raciocínio. Mas pensar é virtude e não defeito. É um dom de Deus.

7. PÓS-MODERNISMO - Ferreira dos Santos assim definiu: “pós-modernismo é o nome aplicado às mudanças ocorridas nas ciências, nas artes e nas sociedades avançadas desde 1950, quando, por convenção, se encerra o modernismo (1900-1950)”^{xxv}. Guardemos isto: pós-modernismo é o nome aplicado às mudanças ocorridas nas ciências, nas artes e nas sociedades avançadas. Grenz declara que a pós-modernidade surgiu no dia 15.7.1972, às 15:32, com um projeto de arquitetura moderna, nos Estados Unidos^{xxvi}. A pretensão é típica de norte-americano que presume que tudo de importante nasce em seu país. Não se pode levá-lo a sério. As raízes culturais da pós-modernidade remontam aos movimentos estudantis de 1968, na França. O refluxo chegou ao Brasil, com a contestação estudantil ao regime militar. Mas os contextos eram diferentes. Aqui foram de ordem política. Lá, ordem cultural, de cansaço com a maneira antiga de ver o mundo. Também não se pode ignorar o movimento hippie, nos anos sessentas. Desprezando a tecnologia, buscando uma vida mais rural, pondo de lado o materialismo e a ganância capitalista, os hippies, com seu bordão de “paz e amor” foram o estopim do pós-modernismo. É necessária uma análise mais séria, menos passional, deste movimento. Seu envolvimento com drogas levou os conservadores a estigmatizarem-no como destrutivo. Para os simpatizantes, o movimento ainda é pintado com cores românticas. Desapaixonadamente, pode-se dizer que foi uma reação a um modo de vida mundano, grosseiramente materialista e dominado por estruturas que subjugam o homem e lhe põem um traje para envergar sem que ele possa questionar. Foi uma reação de jovens ao estilo de vida de seus pais. A rigor, a pós-modernidade é uma reação à modernidade. O milênio que esta prometeu não chegou. O crescimento econômico não beneficiou a maioria, mas uma elite.

Os filhos da modernidade viram duas guerras mundiais, o massacre de seis milhões de judeus, puseram sua esperança no marxismo e viram que dele surgiu uma das mais cruéis ditaduras da história, viram um capitalismo desumano e muita hipocrisia religiosa. Viram Ruanda e Angola. Viram o massacre da Praça da Paz. A mudança histórica prometida não surgiu. Poucas palavras se aplicam tão bem à sua situação como um trecho de uma música de Chico Buarque: “eu nem sei pra onde eu vou, mas continuo indo”. Lenon estava enganado: o sonho acabou. A pós-modernidade é uma reação contra as promessas não cumpridas. O mundo se tornou pior. Como disse o teólogo Metz, “a ciência não pode produzir um único gesto de amor”. A fé na tecnologia produziu indiferença e cinismo. O homem foi esquecido, o humano foi desprezado.

O mito do futuro, base da modernidade, melhor acabou. A pós-modernidade começou a nascer quando se viu a impossibilidade de se mudar o mundo. Marx dizia que não se devia mais interpretar o mundo e sim transformá-lo. Os pós-modernistas dizem que é impossível fazê-lo. Podem não negar as teses de Marx, mas negam sua solução. O mundo, para eles, não tem solução. Por isso, Faus declarou que “a pós-modernidade não se limita unicamente a suceder no tempo a modernidade, mas reage (e de forma bem dura) contra ela. Por isso, é mais antimodernidade do que pósmodernidade”^{xxvii}.

A modernidade trouxe a secularização. Colocou a técnica no lugar de Deus. Pôs suas esperanças na educação do ser humano. Confundiu capacitação tecnológica com educação. Já vimos que o Brasil acabou com o curso clássico e com o ensino de Filosofia e Ciências Sociais e criou os cursos profissionalizantes, pois necessitava de tecnologia para se desenvolver. Afinal, a utopia viria pela ciência e pela técnica. Educar era capacitar tecnologicamente. A pós-modernidade modificou o cenário. Perdeu a utopia e os ideais. Aceitou os fatos e ignorou as injustiças sociais. Bem diz Gondim: “A maior denúncia que se faz aos filhos da pós-modernidade é que abandonaram o ideal e renderam-se ao consumismo”^{xxviii}. A pós-modernidade aceitou as injustiças sociais, deu-as como irremediáveis. Então, cada um na sua, que aproveite o que puder. Ela é um neo-existencialismo, mas mais cínico. Cada um na sua, cada um que se vire por si. A diferença é que no existencialismo havia a preocupação com “a insustentável leveza do ser”, que Milan Kundera

expressou no seu romance. Na pós-modernidade há a “insustentável leveza do real” (não a moeda, mas o que é). O mundo é assim e sempre será assim. Para quê lutar? Vamos viver.

BLADE RUNNER, O CAÇADOR DE ANDRÓIDES, SÍMBOLO DO PÓS-MODERNO

Lyon mostra o filme “Blade Runner, o caçador de andróides” como uma amostra do que seja a pós-modernidade^{xxix}. O filme é emblemático do movimento. Os andróides são seres quase-pessoas, produzidos pela bioengenharia. Vivem fora do mundo e são chamados de “replicantes”. Eles vêm à Terra para lutar contra a empresa que os criou. Sua queixa é que têm apenas quatro anos de vida e querem mais. Querem ser equiparados aos humanos, dos quais são réplicas perfeitas. O caçador de andróides é Deckard, cuja função é seguir suas pistas e eliminá-los. Os replicantes não são robôs. São simulacro de gente. Sua vida é rápida, curta e agitada. Os testes para determinar se são gente ou andróides variam. Deckard se apaixona por uma andróide, Raquel. Ela tem uma foto da mãe, o que o leva a supor que é uma pessoa. Uma máquina que tem família. E o herói do filme não tem. São as contradições do mundo pós-moderno.

O cenário é uma cidade em ruínas. Tudo era imponente. Agora está demolido. Cenário de absoluta decadência. A tecnologia está em seu grau mais elevado, mas a vida é triste. Montes de lixo entulham as ruas. Há uma garoa cinzenta constante que quase torna o filme em preto e branco. As ruínas da cidade mostram colunas gregas, romanas, dragões chineses, pirâmides egípcias e cartazes de Coca-Cola. Toda a cultura humana está presente e em ruína. O tema musical do filme é melancólico.

Eis a pós-modernidade. A tecnologia se sobrepõe à humanidade. Os homens criaram máquinas que os substituem e que são suas inimigas. Os replicantes querem ser gente, mas a prova de sua vida é uma fotografia, construída, forjada, artificial. A mensagem do filme é clara: o mundo científico é uma ilusão e o progresso humano está em ruínas. A cidade onde o filme acontece não é identificada. Pode ser qualquer uma, qualquer cidade populosa do mundo industrial. A vida é igual em todos os lugares, sem personalidade. Há transporte a oitenta metros de altura do solo, mas o ambiente é de desintegração e caos. O filme mostra que a tecnologia não redimiu o mundo. Pelo contrário, arruinou-o. O herói se apaixona por uma máquina, semi-humana. Até o personagem principal está desorientado, é alguém iludido. As máquinas ocupam o lugar das pessoas e a cultura produzida em milênios está em ruínas. O mundo físico é caótico, mas o enredo também é.

CARACTERÍSTICAS DO PÓS-MODERNISMO QUE MAIS NOS AFETAM

Alistemos, agora, algumas características do que é este movimento. Vejamos nelas as marcas de caráter que muitas das pessoas hoje têm como produto do movimento e como afetam o nosso testemunho de Jesus Cristo.

(1) O colapso das crenças. Seja a fé, a educação, ou a cultura, há uma descrença em tudo que se afirmou até então. Não crêem que seja verdade que o estudo melhore a vida das pessoas e o mundo. Há desinteresse pela herança passada. Tudo é visto como não funcional, como não resultável, não produtor de bons resultados. Um Ronaldinho, que mal consegue fazer uma sentença gramatical articulada, ganha muito mais que um cientista. Vale a pena estudar? Voltando à questão das crenças: não há um conjunto de valores. O que se faz é dismantelar as regras e as estruturas.

(2) A busca de novidades exóticas. Uma música espanhola ilustra isso: “Cada noite um rolo novo. Ontem o ioga, o tarô, a meditação. Hoje o álcool e a droga. Amanhã a aeróbica e a reencarnação” (Cómo decirte, como cóntarte). Normalmente as novidades são contra o estabelecido, e as drogas, muito mais. A mídia cria mitos, cria conceitos, projeta sempre o que é contra os estabelecido. Um exemplo foi a exaltação do Islã em uma novela da Globo. Os evangélicos, enquanto isso, são ridicularizados. Esta atitude surge por causa dos dois itens seguintes.

(3) A descrença nas instituições. Elas falharam em prover um mundo melhor. Os governos, a família, a escola, todos falharam. O jovem não crê na declaração romântica do educador de que

está formando mente e educando para o futuro. Não vê o professor encarar a profissão como um sacerdócio, mas como um ganha-pão. Não vê a escola como um lugar agradável nem crê no seu discurso de que estudando a pessoa pode ter oportunidades. Há milhares com diploma na mão e subempregados. Também não crê nas igrejas porque os escândalos são muitos. A igreja dos anos noventas não produziu santos, mas pessoas preocupadas com dinheiro. O vulto mais importante que a igreja evangélica dos anos sessentas legou à humanidade foi o pastor batista Martin Luther King Jr, Prêmio Nobel da Paz. A igreja evangélica dos anos oitentas apresentou ao mundo o bispo anglicano Desmond Tutu, também Prêmio Nobel da Paz. A igreja evangélica dos anos noventas é mais conhecida por Edir Macedo que por qualquer outro personagem. Para o homem pós-moderno, os governos não são honestos nem a classe política é íntegra. A família, via de regra, é um inferno na sua vida doméstica. Isso se vê na legião de meninos de rua que preferem um estilo de mendicância, superior ao que têm em casa. A autoridade nunca é bem vista. É sinônimo de opressão. As pessoas querem ser livres. É o desdobramento do existencialismo, como foi mostrado num filme dos anos sessentas, Cada um vive como quer. As pessoas são senhoras de suas vidas, sem convenções, sem compromissos e sem autoridade. E as igrejas são, hoje, mais instituição do que comunhão. O aspecto institucional e mais importância à ordem e à lei do que à vida nos colocam em desvantagem. Os regulamentos e o “está errado” falam mais alto que a celebração da vida.

Depois da “morte de Deus” para o homem se afirmar (tese central do existencialismo), temos agora a morte do homem. Cabe aqui a frase de Veith: “O modernismo tinha assumido o projeto da morte de Deus. David Levin mostra como o pós-modernismo dá o passo seguinte. Conservando a idéia de que Deus está morto, o pós-modernismo assume como projeto próprio a morte do eu”^{xxxx}.

(4) A necessidade de escandalizar. Escandalizam com a conduta, com a recusa às regras, na indumentária e no visual. A própria maneira de se vestir mostra desleixo e até falta de asseio. Gasta-se muito dinheiro para se comprar uma roupa rasgada. Vestir-se mal e como mendigo é sinal de estar na moda. O pós-moderno rejeita padrões. Costumo dizer que adolescente não se veste, apenas se cobre. É a bermuda que não se sabe se é uma calça comprida do irmão menor, porque ficou no meio da canela, ou se é uma bermuda do irmão maior porque ficou pouco acima do tornozelo. Todo mundo é igual: o boné virado para trás, um tênis encardido no pé e uma blusa de frio amarrada na cintura. Isto porque querem ser diferentes. Copiam-se uns aos outros na sua diferenciação. Um piercing dá um toque a mais. Julgam-se diferentes, mas são clones uns dos outros.

(5) Um estilo individualista, hedonista e narcisista. O pós-moderno é individualista, embora viva em “tribos”. Vive sua existência. Não tem patriotismo ou idealismo. É hedonista, vivendo em função do prazer, não necessariamente sexual, mas a busca o que é agradável. É narcisista, pois olha mais para si que para o mundo. O social e outro são irrelevantes. O que vale é o próprio indivíduo.

(6) A falta de cosmovisão. O pós-moderno não tem uma cosmovisão nem mesmo posturas coerentes. Nega a existência de Deus, mas crê em energia de um cristal. Nega a historicidade de Jesus, mas aceita duendes. Age assim porque as cosmovisões são explicações totalizantes do mundo, trazem respostas cabais e últimas. “Nenhuma certeza pode ser imposta a ninguém”, diz o pós-moderno. Recusando uma cosmovisão, uma visão integrada, as pessoas fazem uma crença tipo picadinho. Tudo está bom, tudo está certo. Ao mesmo tempo, isto não faz diferença. Cada um faz sua crença e sua religião. O padrão aferidor é a própria pessoa. Foi isto que Raul Seixas cantou: “Eu prefiro ser uma metamorfose ambulante do que ter aquela velha opinião sobre tudo, tudo”.

(7) A perda do sentido de história. Não há uma história unificada, produto da visão cristã que impregnou o Ocidente e lhe deu direção. Há acontecimentos isolados, histórias de pessoas que se cruzam entre si, sem nexos, sem ligação. Uma visão global da vida não existe. Existe uma visão fragmentária. Pensa-se no hoje, no fato de agora. Perdeu-se a visão de um passado, um presente e um futuro integrados. O pós-moderno opta pelo efêmero, pelo modismo, pelo fragmentário, pelo descontínuo. Com isto, a vida não tem sentido histórico nem dimensão linear. É para ser vivida

agora, numa dimensão pontilear.

(8) A substituição da ética pela estética. O dever cede lugar ao querer. As escolhas são privadas e não mais ligadas à sociedade. A capacidade de viver e de desfrutar o belo substituiu a responsabilidade. O negócio é experimentar sensações, cada vez mais fortes, cada vez mais dinâmicas. Nada de culpa ou de valores. Viver é fazer o que agrada. Ninguém tem nada com a vida alheia. Ninguém se prende afetivamente a alguém.

(9) A crise de pertença, ou seja, a necessidade de pertencer a alguma coisa, se tornou mais aguda, nesta situação. A maldição sobre Caim foi tirar-lhe a pertença. Seria sem raízes, geográficas ou sociais, um nômade, um errante, um peregrino, andante. O homem necessita pertencer a alguma coisa. É uma carência existencial. Precisa pertencer a uma igreja, um clube, uma associação, etc. Com a crise de pertença vieram os relacionamentos “lights”, imediatistas, sem ligações profundas, manifestadas no sexo efêmero e casual. O instinto substitui o afeto. Cada semana, uma pessoa. Pertence-se a uma “tribo”, mas se refugia no anonimato da Internet.

(10) A característica a seguir é a mais forte, em termos de nosso trabalho: a pluralidade ideológica e cultural. Nossa época é uma época de síntese. As pessoas querem ter posições, mas querem concordar com tudo. A pessoa tem uma cultura tecnológica, de informática avançada, mas crê em florais, astrologia e numerologia. Não tem convicções, mas conveniências. Seu credo é mais produto de ajustes de convivência do que de convicção pessoal. Pode-se ter grande zelo pela ecologia e desprezo pelo humano. As crenças e posturas são casuais e produto de circunstâncias. O evangelho pode ser verdade, mas é verdade para uma pessoa e não para outra. Há tantas verdades como pessoas. Cada uma tem e faz a sua.. Mas o maior problema está hoje no neopentecostalismo. Ele está minado pelo paganismo e ele invade nossas igrejas., com sua contaminação. Quero citar um pastor da Assembléia de Deus, sobre este ponto: “Na América Latina, as religiões pagãs populares vão se incorporando aos rituais pentecostais. Pede-se ao diabo para se manifestar, com o objetivo de exercer poderes exorcistas sobre ele, mapeiam-se as moradias demoníacas por causa da influência da cosmovisão pagã de que os poderes malignos tomam posse de lugares. Os objetos supersticiosos, como óleo ungido, rosas sagradas e a água do rio Jordão, passam a ter o mesmo valor no Cristianismo que na religiosidade popular pagã”^{xxxii}.

A linha entre paganismo e neo e baixo-pentecostalismo tem sido apagada. Este é um dos mais sérios problemas para nós. Nossos crentes assistem aos programas da Universal, onde os fundamentos do protestantismo são negados. O sacerdócio universal de cada crente, a graça por causa do amor de Deus, o fato de que Deus não se deixa subornar, são negados nas suas práticas exóticas. Ao mesmo tempo há a idéia de que uma água benzida pela oração do pastor tem fluidos mágicos. Tudo isto entra na cabeça de nosso povo. Há uma paganização do movimento evangélico hoje. A crença picadinho é muito forte nos segmentos mais baixos do movimento evangélico.

COMO PREGAR E EDUCAR UMA IGREJA NESTE CONTEXTO

É uma situação desvantajosa para o pregador, que é, geralmente, produto de outra cultura. Muitas vezes ele mesmo vive em conflito por causa do choque cultural. Foi criado num estilo, mas já assimilou padrões de outro estilo. Como pregar numa sociedade pós-moderna?

(1) Lembrando que temos valores eternos. Há valores temporários, locais e mutáveis. Há valores inegociáveis. O pastor necessita de uma cosmovisão cristã, saber de sua fé e de seus valores e vivê-los. Muitos pastores não têm uma visão global do mundo, e, o que pior, muitos não têm sequer uma visão global de sua fé, para analisar o mundo por ela. Sua fé é atomizada, de pequenos credos, sem uma visão holística do evangelho. Isto é trágico para um pastor. Ele observa a vida cristã por um determinado dom, por uma visão de ministério, pelo modismo contemporâneo. Sem uma visão global do evangelho fica difícil analisar o mundo.

(2) Nossas igrejas não podem se fiar apenas na repressão. Devem ser calorosas, sadias e honestas. As pessoas devem ser ouvidas e levadas a sério. Devem ver seriedade no trato, rigor com respeito. O mundo continua necessitando de balizas, de norte. Busca um guia-líder confiável. O que leva jovens a se envolverem com seitas exóticas como Moon e alguns pastores que promovem a

autolatria? É que esses líderes os aceitam e lhes servem de referencial. Nossas igrejas podem oferecer este ambiente ao jovem? Ela é agradável ou é um fardo? O pastor pode ser um referencial, no sentido de ser uma pessoa que sabe o quer e para onde vai? O estilo de vida do pastor é entusiasmante? Ou ele é um profissional de religião?

(3) Coerência é fundamental. A frase é de Paulo VI, mas nem por é inválida: “Os jovens de hoje não querem mestres, querem testemunhas”. Querem pessoas que creiam no que pregam. O pastor digno do nome busca ser modelo. Há pastores que não amam as pessoas, mas o seu ministério, o seu trabalho, sua filosofia ministerial e, algumas vezes, o reino de Deus. Isto não é errado, mas se não ama gente terá dificuldades em seu trabalho. Outros têm o ministério apenas como ganha-pão. Coisificam pessoas e pessoalizam idéias e conceitos. “Vem para o meio”, disse Jesus ao homem da mão mirrada. Amamos nossos templos, nossos prédios, nossas instituições. Mas e as ovelhas? São apenas um detalhe aborrecedor e irritante? Há líderes apaixonados por si e com comichão nos ouvidos e na língua, querendo ouvir novidades e espalhá-las. Mas não ligam para as pessoas. Elas apenas fazem parte do seu trabalho, do seu ministério. As pessoas sabem quando são usadas e manipuladas e sabem quando são aceitas e amadas, mesmo que discordemos delas.

(4) Precisamos amar o que fazemos. Uma das questões mais atacadas pela pós-modernidade é exatamente a hipocrisia dos líderes, com um discurso e com outra prática. Gente tem valor e lidar com elas pressupõe amá-las. Pastorear pressupõe amar o trabalho que se faz. Pode-se fazer algo mecanicamente em uma linha de montagem, sem amar as máquinas e os parafusos. Mas lidar com gente sem amá-las e sem amar o trabalhar com gente, é sinal de fracasso. O amor ao que se faz dá forças para superar as crises e capacidade para se atualizar. Pastorado é uma atividade que só pode ser feita passionadamente. Deve ser feito com coração. As marcas ficarão na vida das pessoas que entrarem em contato conosco.

(5) Precisamos dar respostas relevantes para a vida real das pessoas. Não entrarei em conteúdo teológico, mas que respostas nossas igrejas dão para a vida? Em um culto para jovens, o pregador convidado falou quase 50 minutos sobre dicotomia ou tricotomia. Segundo ele, era um assunto palpitante, com o qual ele estava “muito preocupado”. E daí? Que diferença faria para os jovens? Pregamos o que gostamos ou o que as pessoas precisam ouvir? O púlpito dá respostas sérias ou é um falatório sobre religião? Pregamos apenas assuntos ou pregamos uma pessoa, Jesus, que tem respostas para a vida das pessoas? Com que nos preocupamos? Com assuntos que nos dizem respeito ou com as necessidades dos ouvintes? De que se ocupa o púlpito? De Cristo ou de política denominacional. Para que o usamos? Para glorificar a Cristo ou para enviar recados aos outros?

(6) A fé precisa ser viva numa igreja. Ela deve expressar o caráter cristão em suas relações e seu ambiente. O pós-moderno necessita ver uma igreja batista como uma instituição séria, espiritual, coerente. Ele está cansado de dicotomia entre conduta e fé. O pós-moderno clama, no dizer de Faus, nos seguintes termos: “quem me vende um pouco de autenticidade? A espiritualidade continua fora do culto? Cantamos o corinho ”esta igreja ama você” na hora de saudar o visitante. Mas, acabado o culto, temos interesse nele? Se trouxer um problema a igreja mostrará que o ama? A fé e os relacionamentos aparecem apenas na hora do culto ou permeiam a vida das pessoas?

(7) O púlpito precisa ser cristocêntrico. Cristo precisa voltar a ser o centro e o interesse da pregação. Valorizam-se dons, exalta-se o Espírito Santo, mas a segunda pessoa da trindade tem sido esquecida na sua própria Igreja. A IURD trocou a cruz pela pomba. Outro dia, pela tevê, dizia um pastor pentecostal: “Cristo é o canal para nos trazer o Espírito Santo”. Que mudança doutrinária! E João 14 a 16, que fazer deles? E a cruz, onde colocá-la? Um púlpito bíblico, exegético, com Cristo no centro, é uma necessidade insuperável da igreja. Preparando um ano de lições de EBD para minha Igreja, sobre Teologia Sistemática, entrei numa livraria evangélica para adquirir livros sobre Cristologia. Queria alguns além dos que tenho. Não encontrei um, um sequer. Mas encontrei quarenta e dois, sim, quarenta e dois, sobre batalha espiritual, demônios, quebra de maldições. Um contraste doloroso. A Igreja é de Cristo, mas está fascinada por demônios. Cristo salva e perdoa, mas é fraco e é incapaz de livrar a pessoa do poder de demônios. Só o sacerdote baixo-pentecostal pode fazê-lo. Cristo precisa voltar a ter a primazia em nosso ensino e voltar ao primeiro lugar no

púlpito.

(8) A Igreja precisa de rumo. O pós-moderno é pragmático e não idealista, pensa localmente em vez de globalmente. Isto está acontecendo com as igrejas. A igreja deixou de ser a comunhão dos santos e se pensa em mega-igreja. Um amigo meu, a quem muito respeito, foi tocado por Deus para um trabalho com bêbedos e macumbeiros. Em dois anos tinha convertidos para organizar uma igreja. Ele tem trabalho secular, não precisa de sustento pastoral e seu grupo alugou um salão onde se reunia. Como batista, procurou uma igreja para ser a organizadora de sua congregação em igreja. Não queriam dinheiro porque podiam se manter. Enviou cinco cartas a igrejas de amigos. Só obteve uma resposta: “Deus não nos deu a visão de organizar outras igrejas”.

Isto aconteceu. Não criei a história. A visão é local e não global. O espírito é pragmático: vamos gastar energias em organizar uma igreja na periferia? Concentremos esforços em ter uma igreja grande no nosso bairro de classe média. Dá mais status. A visão é ser uma mega-igreja. Neste afã, doutrinas e posições históricas são sacrificadas por métodos esquisitos e antibíblicos, desde que dêem certo. O que vale é o pragmatismo de ajuntar gente, de ter uma “igrejona”. A igreja precisa de rumo. Ela não precisa de nova doutrina ou eclesiologia. Jesus deixou propósitos para sua Igreja. Basta ler Mateus 28.18-20 e Marcos 16.15. Que uma igreja deve ter rumo e delinear bem seu propósito ministerial, isto é indiscutível. Mas isto não é novo. É neotestamentário. Não criemos novos rumos nem nos desviemos dos traçados pelo Senhor da Igreja.

À GUIA DE CONCLUSÃO - ALGUMAS QUESTÕES PARA PENSARMOS

(1) Tenho a preocupação de vanguardear, de marcar a vida das pessoas, de deixar lembranças positivas, ou vejo meu ministério apenas pelo aspecto de cumprir uma missão?

(2) Considero-me, como pastor, um produto acabado ou procuro entender meu tempo? De que forma o faço? Que evidência tenho para provar isso?

(3) Que características do pós-modernismo estou a ver em minhas ovelhas, mais comumente? E na minha conduta?

(4) Estou na pré-modernidade, com o peso da autoridade? Entrei e vivo na pós-modernidade, com o peso das evidências? Como reajo à contestação e como me situo para responder aos desafios pós-modernos?

(5) O que está no centro de minha visão pastoral?

(6) Qual a minha visão de Igreja e qual o uso do púlpito que faço?

CONCLUSÃO (DE TUDO, MESMO) - Talvez mais questões poderiam ser alistadas aqui. E talvez o trabalho tenha deixado a desejar. Foi um risco que se correu ao me escolher. Mas creio que, mostradas as linhas gerais de algumas idéias, não será difícil pensar em como trabalhar cristãmente dentro das suas características. Mas, sem resvalar para a pieguice, a frase de nosso irmão do passado, Tiago, pode nos ajudar: “Ora, se algum de vós tem falta de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente e não censura, e ser-lhe-á dada” (Tiago 1.5). Um pastor deve se preparar espiritualmente, diante de Deus, para cumprir sua tarefa. Que o façamos, portanto.

BIBLIOGRAFIA

BOFF, Leonardo. *Teologia da Libertação no Debate Atual*. Petrópolis: Vozes, 1985.

COTRIM, Gilberto. *Fundamentos da Filosofia – Ser, Saber e Fazer*. 8ª ed., S. Paulo: Edições Saraiva, 1993.

FAUS, José Ignácio. *Desafio da Pós-Modernidade*. S. Paulo: Paulinas, 1995.

FOULQUIÉ, Paul. *O Existencialismo*. 3ª ed., S. Paulo/Rio de Janeiro: Difel Editora, 1975.

- GAARDER, Jostein. *O Mundo de Sofia*. 3ª reimpressão. S. Paulo: Cia. das Letras, 1996.
- GAARDER, Jostein. *Vita Brevis – a Carta de Flória Amélia Para Aurélio Agostinho*. S. Paulo: Cia. das Letras, 1998.
- GONDIM, Ricardo. *Fim de Milênio: Os Perigos e Desafios da Pós-Modernidade na Igreja*. S. Paulo: Abba Press, 1996
- GRENZ, Stanley. *Pós-Modernismo – Um Guia Para Entender a Filosofia de Nosso Tempo*. S. Paulo: Vida Nova, 1997
- HÉBER-SUFRIN, Pierre. *O "Zaratustra" de Nietzsche*. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1991.
- KIERKEGAARD, Sören. *Temor e Tremor*. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.
- KIERKEGAARD, Sören. *O Desespero Humano*. S. Paulo: Martin Claret, 2002.
- KILPATRICK, William. *Educação para Uma Civilização em Mudança*. 18ª ed., S. Paulo: Edições Melhoramentos, 1992.
- LYON, David. *Pós-Modernidade*. S. Paulo: Paulus, 1998.
- MENDONÇA, Antonio. *O Celeste Porvir – A Inserção do Protestantismo no Brasil*. S. Paulo: Paulinas, 1984.
- MONDIN, Battista. *Antropologia Teológica*. S. Paulo: Paulinas, 1979.
- PETITFILS, Jean-Christian. *Os Socialismos Utópicos*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980.
- QUINTANILHA, Miguel Angel. *Breve Dicionário Filosófico*. Aparecida, SP: Edições Santuário, 1996.
- RUSS, Jacqueline. *Dicionário de Filosofia*. S. Paulo: Editora Scipione, 1994.
- SANTOS, Boaventura. *Pela Mão de Alice – O Social e o Político na Pós-Modernidade*. 8ª ed., S. Paulo: Cortez Editora, 2001.
- SANTOS, Jair. *O Que é Pós-Moderno*. 17ª ed., S. Paulo: Editora Brasiliense, 1997.
- SNOOKER, I. A. . *Doutrinação e Educação*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1985.
- SAYÃO, Luiz Alberto Teixeira. *Cabeças Feitas – Filosofia Prática para Cristãos*. 2ª ed., sem local: Grupo Interdisciplinar Cristão, 1998.
- VEITH, Gene. *Tempos Modernos – Uma Avaliação Cristã do Pensamento e da Cultura de Nossa Época*. S. Paulo: Cultura Cristã, 1999.
- VV.AA. *Introdução ao Pensamento Filosófico*. S. Paulo: Edições Loyola, 1993.

-
- ⁱ SAYÃO, Luiz Alberto Teixeira. *Cabeças Feitas – Filosofia Prática para Cristãos*. 2^a ed.. Sem local: Grupo Interdisciplinar Cristão, 1998.
- ⁱⁱ VV.AA. *Introdução ao Pensamento Filosófico*. S. Paulo: Edições Loyola, 1993
- ⁱⁱⁱ KILPATRICK, William. *Educação para Uma Civilização em Mudança*. 18^a ed. S. Paulo: Edições Melhoramentos, 1992
- ^{iv} GAARDER, Jostein. *O Mundo de Sofia*. 3^a reimpressão. S. Paulo: Cia. das Letras, 1996, p. 96.
- ^v Idem, p. 353
- ^{vi} BÚSSOLA, Carlos. “As Correntes Filosóficas Contemporâneas”, in VV.AA. *Introdução ao Pensamento Filosófico*, 1993, p. 37
- ^{vii} GAARDER, Jostein. *Vita Brevis – a Carta de Flória Amélia Para Aurélio Agostinho*. S. Paulo: Cia. das Letras, 1998.
- ^{viii} Idem, p. 36.
- ^{ix} QUINTANILHA, Miguel Angel. *Breve Dicionário Filosófico*. Aparecida, SP: Edições Santuário, 1996, p. 113.
- ^x Gaarder, op. cit., p. 347
- ^{xi} Sayão, op. cit., p. 57
- ^{xii} RUSS, Jacqueline. *Dicionário de Filosofia*. S. Paulo: Editora Scipione, 1994, p. 345.
- ^{xiii} KROHLING, Aloísio. “O Materialismo”, in VV.AA. *Introdução ao Pensamento Filosófico*. p. 44
- ^{xiv} GAARDER, op. cit., p. 418
- ^{xv} COTRIM, Gilberto. *Fundamentos da Filosofia – Ser, Saber e Fazer*. 8^a ed. S. Paulo: Edições Saraiva, 1993, p. 29.
- ^{xvi} Idem, p. 30
- ^{xvii} BOFF, Leonardo. *Teologia da Libertação no Debate Atual*. Petrópolis: Vozes, 1985, p. 40
- ^{xviii} PETITFILS, Jean-Christian. *Os Socialismo Utopicos*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980.
- ^{xix} Bússola, op. cit. p. 54
- ^{xx} SNOOKER, I. A. . *Doutrinação e Educação*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1985.
- ^{xxi} KIERKEGAARD, Soren. *Temor e Tremor*. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d, p. 80
- ^{xxii} HÉBER-SUFRIN, Pierre.. *O "Zaratustra" de Nietzsche*. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1991, p. 15.
- ^{xxiii} Ib. ibidem, p. 53.
- ^{xxiv} FOULQUIÉ, Paul. *O Existencialismo*. 3^a ed. S. Paulo/Rio de Janeiro: Difel Editora, 1975, p. 36.
- ^{xxv} SANTOS, Jair. *O Que é Pós-Moderno*. 17^a ed. S. Paulo: Editora Brasiliense, 1997, p. 7
- ^{xxvi} GRENZ, Stanley. *Pós-Modernismo – Um Guia Para Entender a Filosofia de Nosso Tempo*. S. Paulo: Vida Nova, 1997, p. 29.
- ^{xxvii} FAUS, José Ignácio. *Desafio da Pós-Modernidade*. S. Paulo: Paulinas, 1995, p. 25.
- ^{xxviii} GONDIM, Ricardo. *Fim de Milênio: Os Perigos e Desafios da Pós-Modernidade na Igreja*. S. Paulo: Abba Press, 1996, p. 33.
- ^{xxix} LYON, David. *Pós-Modernidade*. S. Paulo: Paulus, 1998, p. 9
- ^{xxx} VEITH, Gene. *Tempos Modernos – Uma Avaliação Cristã do Pensamento e da Cultura de Nossa Época*. S. Paulo: Cultura Cristã, 1999, p. 67.
- ^{xxxi} GONDIM, op. cit., p. 73